



Comissão Pró-Índio
de São Paulo

Mulheres Quilombolas Desenvolvimento Sustentado



Copyright

Comissão Pró-Índio de São Paulo
São Paulo, julho de 2004

Organização: Lúcia M. M. de Andrade

Projeto gráfico: Irmãs de Criação

Fotos: Carlos Pentead

Publicado com o apoio de OXFAM e ICCO



Comissão Pró-Índio
de São Paulo

Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP)

Rua Padre Carvalho, 175 Pinheiros 05427-100 São Paulo - SP

Tel. 55 11 3814.7228 Fax. 55 11 3518-8961

cpisp@cpisp.org.br

www.cpisp.org.br

Índice

Apresentação	04
Relação das Participantes da Oficina	05
Programação da Oficina	07
Como é ser Homem e como é ser Mulher nas Comunidades Quilombolas? <i>Depoimentos</i>	08
Entendendo o Conceito de Gênero	11
O Quilombo Ideal <i>O Quilombo Ideal na Visão das Mulheres Participantes da Oficina</i>	13
<i>Mas Qual é Mesmo o Desenvolvimento que Queremos?</i>	15
A Construção do Quilombo Ideal <i>Experiências em Andamento</i>	16
Construindo os Caminhos	22
O Desenvolvimento que Queremos	25
O que Fazer para Alcançar este Desenvolvimento?	26

Apresentação

A Comissão Pró-Índio de São Paulo promoveu a oficina Mulheres Quilombolas e Desenvolvimento Sustentado entre os dias 12 e 14 de maio de 2004, na cidade de São Paulo, contando com a consultoria da Sempreviva Organização Feminista e o apoio financeiro da Fundação Heinrich Böll, de Kerkinactie – Ministérios Globais e da OXFAM.

A oficina contou com a presença de 36 mulheres quilombolas de dez Estados.

Reuniram-se mulheres de diferentes regiões do País, diferentes idades e diferentes vivências. Algumas com maior experiência em encontros e outras que participavam pela primeira vez de um evento de caráter nacional.

Nos três dias do evento, houve uma intensa troca de conhecimentos e reflexão conjunta sobre temas como: as relações de gênero nas comunidades quilombolas; as políticas públicas e seus impactos para a vida das mulheres; o futuro que queremos para as comunidades; e as experiências de desenvolvimento em curso.

A avaliação geral das participantes foi de que a oficina foi um momento importante e propostas de continuidade desta experiência de capacitação foram apresentadas com a indicação de temas de interesse.

Neste documento apresentamos um resumo dos depoimentos e das reflexões realizadas nesses três dias de vivência.

Lúcia M. M. de Andrade
Comissão Pró-Índio de São Paulo

Relação das Participantes da Oficina

Estado	Comunidade município	Nome participante
BA	Rio das Rãs - Bom Jesus da Lapa	Paulina Souza Rodrigues
	Rio das Rãs - Bom Jesus da Lapa	Anália Pereira Batista
	Mangal Barro Vermelho - Sítio do Mato	Detrude Gomes Batista
	Cariacá - Bom Jesus da Lapa	Tomázia Maria da Silva
MA	Matões dos Moreira - Codó	Ana Emília Moreira Santos
	Santa Rosa dos Pretos - Itapecuru - Mirim	Hellen Jacqueline Pires Belfort
MT	Mata Cavallo - N. Sra. do Livramento	Laura Ferreira da Silva
	Mata Cavallo - N. Sra. do Livramento	Dalva Coelho de Jesus
MS	Furnas da Boa Sorte - Corguinho	Denir Bonifácio Ribeiro
	Furnas de Dionísio - Jaraguari	Luciene Prado dos Santos
	Chácara Buriti - Campo Grande	Gleicimara Aparecida Domingos
MG	Sapé - Brumadinho	Nanci Ramos de Menezes
	Sapé - Brumadinho	Matuzinha de Fátima da Silva
	Sapé - Brumadinho	Tânia Maria dos Santos Silva
PA	Jauari - Oriximiná	Socorro de Oliveira Pereira

	Moura - Oriximiná	Maria do Carmo Oliveira de Jesus
	Murumurutuba - Santarém	Raimunda Pereira dos Santos
	Deus Ajude - Salvaterra	Luzia Betania Alcantara (Bete)
PE	Conceição das Crioulas - Salgueiro	Maria Aparecida Mendes
	Angico - Bom Conselho	Maria Márcia Rodrigues de Almeida
RJ	Marambaia - Mangaratiba	Vânia Maria Alves Guerra dos Santos
	Marambaia - Mangaratiba	Joeci Gomes do Nascimento Eugênio
	Campinho da Independência - Parati	Silvia Barreiro Martins
	Campinho da Independência - Parati	Arilda Alves da Conceição
	Campinho da Independência - Parati	Aline Martins
SP	Ivaporunduva - Eldorado	Maria da Guia Marinho Silva
	Ivaporunduva - Eldorado	Nisete Rodrigues da Silva de Moraes
	Ivaporunduva - Eldorado	Neire Alves da Silva
	Ivaporunduva - Eldorado	Zilda Furquim da Silva
	Camburi - Ubatuba	Dionéia Fernandes Basílio
	Camburi - Ubatuba	Maria Lúcio
	Camburi - Ubatuba	Irinéia Soares Constâncio

	Camburi - Ubatuba	Elizabeth Fernandes Basílio
SE	Patioba - Japarutuba	Guilhermina Santos Silva
	Mussuca - Laranjeiras	Cleide dos Santos

Convidadas

Vanessa Caldeira / CEDEFES
Fernanda Franco / OXFAM

Representantes de órgãos governamentais

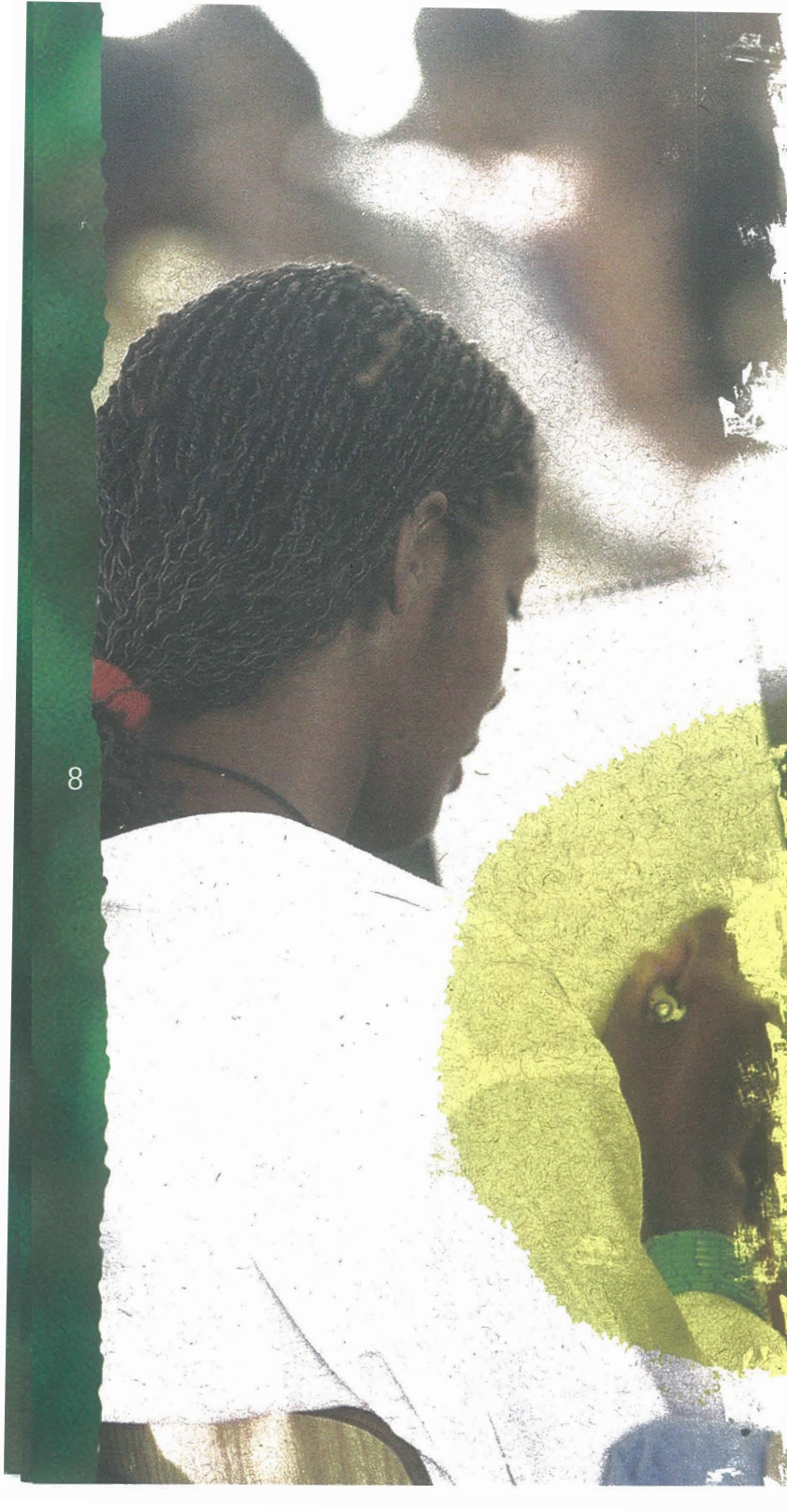
Andréa Butto / Programa de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia do Ministério do Desenvolvimento Agrário
Maria Auxiliadora / Ministério da Educação
Maria Inês Barbosa / Secretaria Especial de Política de Promoção da Igualdade Racial
Sandra Silveira / Fundação Cultural Palmares - Ministério da Cultura

Integrantes das organizações promotoras

Bruna Zagatto / SOF
Jana d'Ávila / CPI-SP
Lúcia Andrade / CPI-SP
Luciano Evangelista Silva / CPI-SP
Mara Luz / CPI-SP
Miriam Nobre / SOF
Nalu Faria / SOF

Programação da Oficina

	12/05	13/05	14/05
9:00 horas	Apresentação e levantamento de expectativas.	Iniciativas econômicas das organizações quilombolas: um olhar de gênero.	Estratégias para o desenvolvimento sustentável com igualdade de gênero.
	Relações sociais de gênero: como é ser homem e como é ser mulher em comunidades quilombolas.	Apresentação de experiências e debate.	Papel do Estado, das comunidades e dos movimentos.
14:30 horas	Desenvolvimento: diferentes abordagens e políticas e seus impactos na vida das mulheres.	As políticas públicas para as comunidades quilombolas consideram as relações de gênero?	Indicações de políticas e prioridades de ação.
		Apresentação de representantes de órgãos do governo federal e debate.	Encaminhamentos.
			Avaliação e encerramento.
noite	Passeio pela cidade de São Paulo.	Teatro	Livre.



Como é ser Homem e como é ser Mulher nas Comunidades Quilombolas?

Depoimentos

Campinho da Independência, Rio de Janeiro

As mulheres trabalham na roça, produzem artesanato e também trabalham como faxineiras ou caseiras no Condomínio Laranjeiras, onde os homens trabalham como jardineiros ou pedreiros.

Oriximiná, Pará

Antes as mulheres acompanhavam todas as atividades dos homens na roça e na coleta da castanha. Levavam os filhos, as panelas e tudo o que fosse necessário para passar o dia no castanhal. Agora, como os filhos devem ir à escola, a mulher não fica mais o dia todo na roça e no castanhal.

As mulheres da ARQMO começaram a discutir a questão de gênero na produção e em casa. Se a mulher ajuda na roça, o homem também tem que ajudar nos trabalhos domésticos.

Antes as mulheres não se incomodavam quando os homens diziam que estavam cansados para fazer o trabalho de casa. As mulheres não se queixavam porque não percebiam que isso era injusto com elas. Mas as mulheres estão buscando igualdade e uma forma de um colaborar com o outro. Hoje tem homem que lava roupa, lava a louça e cuida dos filhos, mas não são todos.

Conceição das Crioulas, Pernambuco

As relações de gênero são específicas de cada região. O que se percebe é que, quando as mulheres participam em peso para fazer alguma coisa, elas tomam decisões para o bem de todos. As mulheres acreditam que as coisas podem mudar, acreditam na educação e, quando se organizam, os homens vão atrás.

As mulheres ocupam espaços de poder, mas quando chegam em casa ainda têm que arrumar tudo, fazer comida, cuidar dos filhos, e o inverso não acontece.

Isso é grave porque influencia na saúde da mulher. Tem muita mulher que participa do movimento, mas fica estressada, sobrecarregada. Ainda tem que ser paciente e carinhosa, para não tornar o clima da casa ruim no pouco tempo que têm para ficar com a família.

Comunidade de Angico, Pernambuco

Tem mulher que já tem 14 filhos e não quer mais engravidar, mas os maridos não respeitam isso e não usam nem deixam a mulher usar nenhum método anticoncepcional. Também não deixam sua mulher sair. E as solteiras, se começam a viajar muito, são reprovadas pela comunidade, que diz que esta se tornará solteirona ou puta. Existe ainda um outro problema que é a mulher ganhar quatro reais enquanto o homem ganha seis reais por uma mesma diária de trabalho na roça.

Codó, Maranhão

As mulheres são educadas para ouvir e ficar em casa e os homens para falar e sair pelo mundo. O machismo é reproduzido na educação dos filhos, quando os pais permitem certas coisas para os meninos e outras para as meninas. As mulheres têm que ter carinho para conseguir falar e conscientizar os homens. Nas organizações quilombolas, quando tem reunião ou viagem, só os homens se disponibilizam espontaneamente para participar. As mulheres têm que ser encorajadas. As mulheres

têm que perdoar os homens porque eles foram educados assim, mas não podemos aceitar o machismo.

Marambaia, Rio de Janeiro

Na comunidade de Marambaia o trabalho é conjunto. O homem vai pescar e a mulher vai junto. O trabalho doméstico também é feito junto. As mulheres tomam as iniciativas e os homens vão atrás. Eles "entram no barco" quando vêem que o trabalho das mulheres e elas próprias estão evoluindo. A festa da comunidade é feita pelas mulheres e depois os homens ajudam.

O que tem de ruim é quando as outras pessoas falam mal das mulheres que saem bastante da comunidade para participar das reuniões do movimento. Mas, quanto ao trabalho, é tranquilo. Lá é uma ilha pequena e a justa divisão do trabalho não tem muita repercussão fora dali. Ninguém dá visibilidade a esse fato, porque ele parece natural. Nem os homens nem as mulheres percebem a importância da experiência que eles próprios têm.

Mata Cavalo, Mato Grosso

O que mais une homens e mulheres é a luta contra os fazendeiros pela manutenção dos quilombos. Lá os homens trabalham na lavoura, chegam em casa e ajudam as mulheres buscando água para a janta enquanto elas fazem outra tarefa. Mas tem algumas comunidades em que o homem manda e não deixa a mulher trabalhar fora de casa. É preciso fazer atividades para discutir as relações de gênero nesses lugares. As mulheres hoje estão se organizando mais e ocupando maiores espaços de poder. Na produção do artesanato, por exemplo, os homens saem para pegar a matéria-prima (fibras de bananeira ou a própria banana) e as mulheres trabalham com ela, gerando uma renda familiar conjunta.

Rio das Rãs, Bahia

O trabalho doméstico é exclusivo da mulher, com raras exceções. As mulheres participam das reuniões internas das comunidades, no entanto não podem participar das reuniões fora dali. Todos discutem os problemas das comunidades, mas os homens têm preconceito com o fato de sair dali levando essas questões para outros lugares. A educação antes era negada às mulheres, que hoje estão gradativamente se envolvendo mais com os estudos. Algumas mulheres voltaram a estudar nas escolas municipais e já existem projetos sociais que incentivam o envolvimento de outras.

Sapé, Minas Gerais

A comunidade é muito próxima de Belo Horizonte e está muito empobrecida e desarticulada. Não há muitas possibilidades de trabalho dentro da comunidade, então muitas mulheres tiveram que se prostituir ou se tornar empregadas domésticas na cidade. Ainda assim, algumas resistem e permanecem e lutam pela comunidade. Os homens não ficam na comunidade porque têm que sair para trabalhar nos subempregos da cidade. Alguns deles se envolvem com outras mulheres por lá, pegam doenças sexualmente transmissíveis e passam para suas esposas ou namoradas da comunidade, porque quase ninguém usa preservativo. Algumas mulheres estão morrendo de aids. O machismo é terrível dentro e fora das comunidades.

Entendendo o Conceito de Gênero

Os problemas relatados pelas mulheres quilombolas não são exclusivos dos quilombos. No que diz respeito às relações de gênero, há muita semelhança com a situação do meio rural em geral. Os moradores e moradoras dos quilombos compartilham valores "universais" sobre o papel das mulheres na sociedade em geral.

Uma idéia construída na sociedade e amplamente difundida é perceber a mulher a partir da maternidade e, assim, justificar a divisão sexual do trabalho.

O trabalho do homem é mais valorizado, enquanto que o trabalho tido como da mulher - o doméstico - mal é visto como trabalho.

Hoje, é muito comum que a mulher desempenhe os papéis que eram considerados masculinos no passado. A mulher está na roça, na fábrica, no comércio, mas é muito comum que ela faça sempre a parte pior do trabalho ou que ganhe menos que os homens.

Já o inverso quase não ocorre. São raros os homens que dividem com as mulheres os trabalhos domésticos e, quando o fazem, esse trabalho é visto como uma ajuda, um favor que o marido está fazendo a sua "mulher de sorte".

Ainda assim, o trabalho mais pesado ou menos valorizado (limpar banheiro, paredes, encerar) fica por conta da mulher.

O discurso social e culturalmente construído de que existe trabalho de mulher e trabalho de homem se naturalizou.

Ele dá sustentação a situações de desigualdade que não são questionadas e justifica atitudes discriminatórias que privilegiam os homens.

Quando as mulheres começam a não aceitar mais esse discurso, os homens sofrem com o impacto da perda de poder. Muitas vezes os homens reivindicam esse poder de volta com o uso da força física e da violência psicológica. A maioria dos conflitos nos casamentos acontece quando a mulher diz não a certas situações.

A mulher, a princípio, tenta mudar a relação com seu marido porque o ama, mas em alguns casos a separação é necessária. Em muitos casos, porém, a mulher não se separa porque foi educada para agüentar o sofrimento, cuidar de sua casa, dos filhos e do marido, do qual depende financeira e afetivamente.

Em algumas cidades pequenas ou comunidades quilombolas existe ainda o agravante da não-aceitação social das mulheres separadas.

Por conta de todos esses fatores, é muito difícil para uma mulher ser a primeira a se rebelar contra essa estrutura opressora. É necessário que ela se sinta segura para não aceitar mais a condição de submissão e para isso ela precisa do apoio de outras mulheres. Quando todas se organizarem, as próprias mulheres que antes falavam mal da vizinha (que sai de casa para as reuniões ou da vizinha que se separou) vão deixar de fazer isso.

Não é mais possível que se façam distinções entre as mulheres boas para casar e as que são para lutar.

Além do controle da comunidade, existe muito controle por parte dos maridos, pais e irmãos sobre o tempo e as atividades de suas esposas, filhas e irmãs. Além da pressão das pessoas próximas para que sejam obedientes, dedicadas, boas mães ou boas filhas.

As mulheres que fogem a essa regra quase sempre se sentem culpadas por estarem ausentes, por não estarem se dedicando muito à casa ou aos filhos. Porque quase sempre a mulher, ao retornar ao lar depois de uma viagem, encontra sua casa suja, com um monte de roupa para lavar e passar, filhos comendo pão com ovo uma semana, etc.

A experiência da discriminação por gênero, raça ou classe social exige a reconstrução da auto-estima. Para isso é preciso entender que essas classificações são criadas socialmente e a hierarquia entre elas não é natural.

Gênero é um conceito utilizado para se referir a homens e mulheres que são construídos socialmente. Ele relaciona fêmeas e machos humanos a todas as atividades e regras de comportamento que devem ser desempenhadas por eles durante a vida.

Olhar a dimensão de gênero significa ver a diferença de poder e a hierarquia existentes nos vários âmbitos da vida (como a sexualidade, a saúde, a participação política e o acesso a recursos) entre homens e mulheres.

O Quilombo Ideal

Como pensar o desenvolvimento das comunidades considerando as necessidades e os desejos de homens e mulheres quilombolas? Qual seria o quilombo ideal, aquele com que sonhamos?

O Quilombo Ideal na Visão das Mulheres Participantes da Oficina

A construção

Visualizados três momentos diferentes dos quilombos. O primeiro momento: uma área quilombola não-reconhecida e não-titulada. A comunidade está dividida porque nem todos se vêem como quilombolas e a participação das mulheres é pequena.

Os passos para transformar isso são a mobilização, a conscientização e a organização.

O segundo momento: um quilombo já reconhecido que está em processo de demarcação e titulação. Nesta fase a participação das mulheres na organização local já é maior.

O terceiro momento: o quilombo ideal, cujas terras já são tituladas e as mulheres participam das decisões com os homens e da organização do quilombo.

Diferenças respeitadas

O quilombo ideal é aquele em que os comunitários respeitam as diferenças entre as pessoas. Em que todos caminham e somam a partir das diferenças. Em que há união.

A caminhada começa enrolada e, na medida em que amadurece, vai andando mais em linha reta.

Na comunidade ideal não há discriminação e os deficientes físicos são incluídos.

Terras tituladas, cultura respeitada e valorizada

Antes de tudo, as terras devem estar tituladas. A partir disso, são construídas moradias dignas e boas escolas que respeitam a cultura tradicional, a história da comunidade e cujos educadores são quilombolas.

O material didático deve ser diferenciado, com as datas comemorativas das comunidades negras e com a cara quilombola.

Deve ter um posto de saúde adequado a essa cultura, com equipamento e plantas medicinais à disposição das benzedeiras, das parteiras e das rezadeiras.

Além da casa de farinha moderna, tem que ter uma usina de arroz, porque o pilão depende muito trabalho. Não é o mais saudável, mas em tempos modernos é necessário.

As pessoas têm que ter uma boa renda, serem saudáveis, assim como o meio ambiente.

A rua deve ser asfaltada e a água encanada.

Em relação à cultura, devê-se preservar o papel dos(as) griots (que é como chamam os porta-vozes da tradição oral da comunidade), além da religião de culto dos Orixás. Deve ter também um campo de futebol para o lazer.

Escola adequada e muita área de lazer

Pensando nas gerações futuras, o quilombo ideal deve ter uma escola adequada à realidade local e muita área de lazer (praça, parquinho, campo de futebol).

Os professores devem ser capazes de ensinar a cultura local (candomblé, tambor-de-crioula, tambor-de-mina). Deve ter moradias dignas, igreja católica, torre de transmissão, escola, creche, saneamento básico.

No quilombo ideal, todos têm telefone e água encanada. Tem um hospital equipado e sofisticado, com atendi-

mento 24 horas, um clube social e universidade. Deve ter transporte para outras cidades e estradas boas.

Meios de comunicação e atendimento à saúde com respeito à medicina tradicional

A escola é fundamental no processo de conscientização e na construção da história da comunidade. Deve haver um posto de saúde equipado, que respeite as diferenças dos quilombolas, que respeite a medicina tradicional, as parteiras, as benzedeiras e o uso das plantas medicinais.

Antes de tudo, tem que ter as terras tituladas e todas as questões fundiárias resolvidas. Tem que ter um



barco para o transporte diário para o continente.

Tem que ter boas estradas para acessar o quilombo e para haver maior intercâmbio entre as comunidades.

Já que o mundo é globalizado, precisamos de energia elétrica, telefone, orelhão e da Internet, para o quilombo se manter informado.

Ao mesmo tempo, a comunidade deve valorizar a história oral dos mais velhos, preservando sua história, seu jeito de ser, sua cultura e religião (tanto a Igreja Católica como o Terreiro de Candomblé).

Como atividades, a comunidade trabalha na produção da farinha (casa de farinha) e do artesanato e, na hora do lazer, joga futebol (campo de futebol).

Mas qual é mesmo o desenvolvimento que queremos?

Após o debate sobre desenvolvimento, uma preocupação é colocada por uma das quilombolas:

"Essa atividade me fez ficar preocupada com um desenvolvimento desvairado. Antigamente ficávamos à noite nas ruas, em frente às casas, ouvindo nossos avós, ouvindo a história das lutas, as lendas e mitos antigos, olhando o céu (tínhamos verdadeiras aulas de astronomia), conhecendo os mistérios da Natureza e do 'outro mundo'. Hoje a gente só fica vendo novela, ninguém vê nem a Lua."

O alerta aponta que é importante aprofundar o debate sobre o que é desenvolvimento e, especialmente, sobre o tipo de desenvolvimento que queremos para as comunidades.

Existe uma idéia difundida pelo mundo de que as sociedades evoluem em linha reta, "dos tempos da ignorância" para a modernidade. Assim é apresentado um pacote de modernidade que deve ser comprado inteiro.

No entanto, algumas coisas nesse grande modelo de desenvolvimento são boas, mas outras são destrutivas ou desnecessárias. É preciso distinguir o que é bom e o que é prejudicial para cada comunidade.

O modelo de desenvolvimento global tanto é imposto pela força como coloniza nosso pensamento. Porque a idéia que paira é de que somos atrasados, subdesenvolvidos. E assim queremos trazer às comunidades os símbolos de desenvolvimento que nos fazem sentir melhor.

O modelo da modernidade vai sendo imposto sobre nós. Impõe-se pela força, quando nos retira de nossa terra. Impõe-se também pela colonização de nossa cabeça, fazendo a gente acreditar que tudo o que temos hoje é atrasado. Assim, para a gente ser melhor, teríamos que parecer como todos os demais. E como fazer isso? Comprando cada vez mais coisas.

O atual modelo de desenvolvimento não é feito para que todos e todas tenham acesso aos benefícios. Apenas 20% da população mundial, formada pelos ricos, consome 80% do que é produzido no mundo. Trata-se de um modelo que pensa prioritariamente nas necessidades individuais – não pensa num sistema de transporte, mas em carro para cada família, um carro para cada pessoa.

Fica a pergunta: que progresso é esse que queremos?

Terras tituladas, cultura respeitada e valorizada

Antes de tudo, as terras devem estar tituladas. A partir disso, são construídas moradias dignas e boas escolas que respeitam a cultura tradicional, a história da comunidade e cujos educadores são quilombolas.

O material didático deve ser diferenciado, com as datas comemorativas das comunidades negras e com a cara quilombola.

Deve ter um posto de saúde adequado a essa cultura, com equipamento e plantas medicinais à disposição das benzedeiras, das parteiras e das rezadeiras.

Além da casa de farinha moderna, tem que ter uma usina de arroz, porque o pilão despende muito trabalho. Não é o mais saudável, mas em tempos modernos é necessário.

As pessoas têm que ter uma boa renda, serem saudáveis, assim como o meio ambiente.

A rua deve ser asfaltada e a água encanada.

Em relação à cultura, deve-se preservar o papel dos(as) griots (que é como chamam os porta-vozes da tradição oral da comunidade), além da religião de culto dos Orixás. Deve ter também um campo de futebol para o lazer.

Escola adequada e muita área de lazer

Pensando nas gerações futuras, o quilombo ideal deve ter uma escola adequada à realidade local e muita área de lazer (praça, parquinho, campo de futebol).

Os professores devem ser capazes de ensinar a cultura local (candomblé, tambor-de-crioula, tambor-de-mina). Deve ter moradias dignas, igreja católica, torre de transmissão, escola, creche, saneamento básico.

No quilombo ideal, todos têm telefone e água encanada. Tem um hospital equipado e sofisticado, com atendi-

mento 24 horas, um clube social e universidade. Deve ter transporte para outras cidades e estradas boas.

Meios de comunicação e atendimento à saúde com respeito à medicina tradicional

A escola é fundamental no processo de conscientização e na construção da história da comunidade. Deve haver um posto de saúde equipado, que respeite as diferenças dos quilombolas, que respeite a medicina tradicional, as parteiras, as benzedeiras e o uso das plantas medicinais.

Antes de tudo, tem que ter as terras tituladas e todas as questões fundiárias resolvidas. Tem que ter um



barco para o transporte diário para o continente.

Tem que ter boas estradas para acessar o quilombo e para haver maior intercâmbio entre as comunidades.

Já que o mundo é globalizado, precisamos de energia elétrica, telefone, orelhão e da Internet, para o quilombo se manter informado.

Ao mesmo tempo, a comunidade deve valorizar a história oral dos mais velhos, preservando sua história, seu jeito de ser, sua cultura e religião (tanto a Igreja Católica como o Terreiro de Candomblé).

Como atividades, a comunidade trabalha na produção da farinha (casa de farinha) e do artesanato e, na hora do lazer, joga futebol (campo de futebol).

Mas qual é mesmo o desenvolvimento que queremos?

Após o debate sobre desenvolvimento, uma preocupação é colocada por uma das quilombolas:

"Essa atividade me fez ficar preocupada com um desenvolvimento desvairado. Antigamente ficávamos à noite nas ruas, em frente às casas, ouvindo nossos avós, ouvindo a história das lutas, as lendas e mitos antigos, olhando o céu (tínhamos verdadeiras aulas de astronomia), conhecendo os mistérios da Natureza e do 'outro mundo'. Hoje a gente só fica vendo novela, ninguém vê nem a Lua."

O alerta aponta que é importante aprofundar o debate sobre o que é desenvolvimento e, especialmente, sobre o tipo de desenvolvimento que queremos para as comunidades.

Existe uma idéia difundida pelo mundo de que as sociedades evoluem em linha reta, "dos tempos da ignorância" para a modernidade. Assim é apresentado um pacote de modernidade que deve ser comprado inteiro.

No entanto, algumas coisas nesse grande modelo de desenvolvimento são boas, mas outras são destrutivas ou desnecessárias. É preciso distinguir o que é bom e o que é prejudicial para cada comunidade.

O modelo de desenvolvimento global tanto é imposto pela força como coloniza nosso pensamento. Porque a idéia que paira é de que somos atrasados, subdesenvolvidos. E assim queremos trazer às comunidades os símbolos de desenvolvimento que nos fazem sentir melhor.

O modelo da modernidade vai sendo imposto sobre nós. Impõe-se pela força, quando nos retira de nossa terra. Impõe-se também pela colonização de nossa cabeça, fazendo a gente acreditar que tudo o que temos hoje é atrasado. Assim, para a gente ser melhor, teríamos que parecer como todos os demais. E como fazer isso? Comprando cada vez mais coisas.

O atual modelo de desenvolvimento não é feito para que todos e todas tenham acesso aos benefícios. Apenas 20% da população mundial, formada pelos ricos, consome 80% do que é produzido no mundo. Trata-se de um modelo que pensa prioritariamente nas necessidades individuais – não pensa num sistema de transporte, mas em carro para cada família, um carro para cada pessoa.

Fica a pergunta: que progresso é esse que queremos?

A Construção do Quilombo Ideal

Experiências em Andamento

Socorro (Comunidade Jauari, Pará)

Sou coordenadora da ARQMO, que quer dizer Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná. No início, a questão de gênero na ARQMO só tinha no papel. A gente estava perdida neste assunto.

No início, era a luta pela titulação, homens e mulheres lutando juntos sem distinção. Até os últimos cinco anos, a gente achava que a prioridade era a titulação e que o gênero era para depois.

Depois da terra titulada é que começamos a nos preocupar com gênero, mesmo não sabendo o que era. Para nós gênero era farinha, arroz...

Nós deixamos a cargo da CPI-SP encontrar quem poderia nos ajudar na discussão de gênero. Primeiro, ela encontrou a Gláucia (da Fala Preta), que foi fazer uma discussão de gênero com a coordenação da ARQMO. Primeirô nós preparamos a coordenação e depois fomos para as comunidades.

Depois de entendido e divulgado o que era gênero, nós escolhemos tratar do planejamento familiar e da saúde da mulher. Teve uma segunda oficina com uma médica.

A gente tinha vergonha de falar desses assuntos, especialmente perante homens e as pessoas mais velhas. Teve divulgação de como usar camisinha. No começo eu tinha vergonha de tratar desse assunto nas comunidades. A gente sempre convidava os homens para participar de nossas reuniões.

Depois desse assunto nós fomos tratar da relação de homens e mulheres no projeto da comercialização da castanha-do-pará. Fizemos mais uma série de oficinas com a consultoria da SOF. Descobrimos que a mulher é importante para o projeto.

Decidimos formar um grupo de mulheres para trabalhar com o artesanato de ouriços de castanha. Já temos o início preparado para este mês de maio. E tem também projeto de agricultura com as mulheres na linha de frente.

Já a outra oficina foi para discutir a cidadania da mulher com a consultoria da União de Mulheres de São Paulo. Debates o papel da mulher desde a casa – como está dentro da casa – até a comunidade e a sociedade.

Por que os homens não ajudavam as mulheres? Os homens achavam que não era trabalho deles. Hoje os homens já descobriram que eles também têm que ajudar as mulheres. Já melhorou muito. Os homens ajudam a mulher na educação do filho; compartilham a decisão de como gastar o dinheiro. As mulheres já passaram à frente do negócio da casa. A mulher já vem fazer compra nas cidades.

No puxirum (mutirão), homens e mulheres participam juntos. Antes, nos encontros, só as mulheres iam para a cozinha. Hoje já é balanceado. A gente ainda encontra algumas dificuldades.

Para esse trabalho, tivemos o apoio inicial da CESE, depois da OXFAM, da ICCO e da União Européia, e a parceria da CPI-SP.

A previdência social foi uma das conquistas. A ARQMO encaminha os benefícios do salário-maternidade. A ARQMO faz uma declaração para o encaminhamento do pedido de licença-maternidade para o INSS. Encaminhamos também auxílio-doença, aposentadoria e pensão. Antes a gente era obrigada a colocar na carteira doméstica. Hoje a gente pode colocar trabalhadora rural ou quilombola. Conseguimos esse avanço.

Estamos também com um trabalho com os jovens para prepará-los para o futuro. Eles vêm para a cidade estudar e acabam ficando longe da vida da comunidade.

Começamos o trabalho com os jovens que estudam na cidade, esclarecendo o que é ARQMO, qual é o futuro, a importância de o jovem continuar participando da vida da comunidade.

Muitos quilombolas que se formam não querem voltar para a comunidade. Agora nós queremos preparar os jovens para participar da ARQMO.



Nisete

(Comunidade de Ivapomduva, São Paulo)

Há uns 10, 12 anos era cada um por si. As mulheres não participavam. Começamos a perceber na Bíblia que várias mulheres tinham papel importante. Percebemos que só os homens é que iam à luta.

Começamos a chamar as mulheres, juntar todas as comunidades, fizemos uma reunião na cidade para reivindicar nosso direito. Uma das coisas que a gente conseguiu no começo foi a água encanada. Organizamos uma manifestação na prefeitura, fomos pressionar com as crianças que faziam bagunça, porque eles não gostam de barulho.

Outra luta foi com o transporte dos estudantes. Conseguimos que o ônibus chegasse mais perto da comunidade para buscar as crianças.

A mulher agora se reúne mais, luta pelo direito. Na associação, as mulheres estão participando.

Mulher tem projeto de saúde para ter atendimento à saúde diferenciado. Estamos lutando para conseguir médico bom.

Nós pensamos que tinha que ter um projeto para as mulheres. Nós conseguimos um apoio para ter mais teares e mais ferramentas para trabalhar com o artesanato. Agora as mulheres têm uma fonte de renda própria. Melhorou a auto-estima. O dinheiro da mulher ajuda, é dela mesma.

Maria Aparecida Mendes
(Conceição das Crioulas, Pernambuco)

Vou tentar resumir porque o tempo é pouquinho. Vou colocar como era a comunidade de Conceição antes dos projetos. A comunidade tem uma história muito ligada ao artesanato.

Conceição é uma comunidade que foi conquistada de um modo um pouco diferente: através da produção do artesanato tirado da fibra de algodão. As mulheres plantaram algodão, venderam fios, conseguiram renda e compraram as terras do quilombo.

Produzimos artesanato de vários materiais, como o curuá. Nosso povo produziu muita cerâmica. Com a industrialização, a venda do artesanato decaiu muito.

O algodão existiu na região até 1987, depois a praga acabou com a plantação. Ficou uma situação muito difícil na região. Muita gente mudou para as cidades. Passamos a enfrentar dificuldades terríveis.

Nós não fomos educados para brigar e nos tornamos presa fácil para os traficantes. Nós estamos no polígono da maconha. Muitos jovens foram usados pelos traficantes. Muitos jovens foram presos.

A gente precisava encontrar uma saída para esta situação. Uma alternativa foi a valorização do artesanato. Foi difícil, mas finalmente nós conseguimos uma aproximação com a Universidade Federal de Pernambuco. Tivemos uma parceria com um designer. Além da universidade, hoje nós temos parceria com o Sindicato de Trabalhadores Rurais, a Prefeitura, o Centro de Cultura Luís Freire e o apoio financeiro da OXFAM.

Todas as preocupações, todas as lutas começaram pelas mulheres. As mulheres tiveram papel fundamental para as mudanças, para o projeto de artesanato.

A partir de 1998, nós começamos o projeto de artesanato. Eram 100% mulheres. Os homens diziam que a gente era doida, desestimulavam.

Em 2001, viemos para a feira em Recife, conseguimos comprar um stand na feira. Produzimos bastante e fomos sem saber no que ia dar. A gente encarou, produzimos bastante e fomos para a feira. Conseguimos vender bastante e conseguimos uma premiação.

Uma bolsa daquela a gente vendia por R\$ 3,00. A partir daí o preço foi crescendo e hoje a bolsa mais barata é no valor de R\$ 30,00. Criamos novos produtos.

A partir daí começamos a divulgar cada vez mais. Vieram muitos pedidos. E a partir daí não paramos de produzir.

Participamos do encontro Experiências Inovadoras do Banco Mundial e conseguimos um apoio. Participamos de várias feiras em Brasília, em São Paulo e na Itália. Lá foi onde conseguimos nosso maior pedido. Deu trabalho, não foi muito legal, pois exportar é muito difícil.

A princípio eram só as mulheres. Os camaradas, quando foram vendo o sucesso, começaram a se envolver e passaram a ajudar as mulheres a produzir o artesanato.

Nosso objetivo principal foi de combater a situação de fome, as coisas ruins, a violência, o envolvimento com o tráfico.

Mudamos a imagem que se tinha daquela região, de nossa comunidade.

Se vocês perguntarem se o povo "enricou" com estas ações, eu vou dizer que não. Só o artesanato não é suficiente para garantir todos, pois somos quatro mil pessoas. São necessários outros apoios.

O resultado é que estamos conseguindo ampliar cada vez mais a participação dos comunitários, das mulheres e, principalmente, da juventude.



Construindo os Caminhos

Quais são os caminhos para o desenvolvimento das comunidades quilombolas?
As mulheres quilombolas dão suas respostas.



22

Pedras no caminho

Nós resolvemos representar nossa caminhada desenhando nossos pés. Cada pé representa uma etapa de nossa caminhada. Encontramos pedras em nosso caminho, que às vezes nos enfraquecem. Desviamos da pedra e fomos embora.

A vitória significa: um povo feliz. Não produzimos visando exclusivamente ao lucro pelo lucro, mas algo

de nossa história, algo produzido dentro do quilombo.

Nosso quilombo tem árvores e plantações. A pedra que impede nossa caminhada em minha comunidade (Iva-porunduva) é a barragem que pode inundar nossa terra.

A pedra no Maranhão é a questão do poder, o poder público que não quer nos ouvir, aceitar nossa idéia.

Titulação da terra

Nosso desafio: a titulação da terra. É a principal e a maior briga de todas as comunidades. Depois a conscientização.

Devemos estar todos engajados para conseguir melhores condições de trabalho.

Democracia.

Desburocratização.

Políticas públicas.

Eleger pessoas da comunidade.

Justiça igualitária.

Desenvolvimento para que nossa comunidade seja muito melhor e muito superior. Para que todas as comunidades tenham melhores condições de vida.

Envolvimento de todos e todas

Os altos e baixos representam as várias instâncias das comunidades. As comunidades estão organizadas, mas as mulheres mesmo não estão bem organizadas. As mulheres têm que acompanhar todos os processos que envolvam as comunidades.

Nosso símbolo é a roda, para significar o envolvimento de todos de modo geral. Primeiro, nós temos que encontrar os parceiros para conseguir o que queremos.

A gente fala muito em meio ambiente, mas nós mesmos poluímos. Preocupação com a fauna e a flora. Desenvolvimento de projetos que não prejudiquem o meio ambiente.

Precisamos de postos de saúde, com pessoas qualificadas, com transporte. Na educação tem que ter merenda escolar suficiente, transporte para alunos e professores, estrada, equipamentos e professores(as) qualificados(as). Regularização fundiária.





O Desenvolvimento que Queremos

Para as mulheres quilombolas reunidas na oficina, o desenvolvimento significa:

- Terras tituladas e livres de invasores
- Fortalecimento da cultura quilombola
- Resgate da história
- Respeito à religiosidade
- Justiça
- Viver bem e com fartura
- Incentivar para ter mais profissionais quilombolas
- Posto de saúde nas comunidades
- Atenção à saúde da mulher
- Educação
- Saneamento
- Infra-estrutura

Tudo isso com "nosso jeito", com qualidade e com participação.

Com relação ao apoio do governo, o que se constatou é que há um interesse grande pelos quilombolas, fala-se mais sobre os quilombolas, começam a surgir programas. Mas ainda não se vê este interesse transformar-se em benefícios concretos.

As quilombolas e os quilombolas são cidadãos com direito aos diversos programas governamentais, tanto aqueles que se dirigem a todos os brasileiros e brasileiras quanto aqueles que são específicos para os quilombos. Uma grande preocupação de todas é que os programas específicos sejam um direito a mais e não signifiquem excluir as mulheres e os homens quilombolas de terem acesso aos programas dirigidos a todos os cidadãos.

O que Fazer para Alcançar este Desenvolvimento?

A oficina trouxe algumas pistas do que se pode fazer para alcançar o desenvolvimento que queremos para as comunidades quilombolas.

Na comunidade

- Saber identificar qual é a pedra do caminho.
- Sensibilizar e conscientizar os homens e mulheres da comunidade para fortalecer a identidade quilombola.
- Conversar e acordar as coisas entre os homens e mulheres da comunidade.
- Organizar as mulheres para fortalecer sua participação nas decisões e na vida da comunidade.
- Melhorar a capacidade de participação.
- Conhecer as leis que garantem os direitos dos homens e das mulheres quilombolas.
- Ter mais informação.
- Cuidar do meio ambiente no cotidiano e nos projetos.

Com as demais comunidades

- Conhecer as experiências de outros quilombos para ajudar a ter uma visão maior da realidade quilombola.
- Fortalecer as articulações estaduais e nacionais.



Na relação com o poder

- Relacionar-se com o poder em todas as esferas.
- Utilizar várias formas de relacionamento: protestar, ocupar, participar dos conselhos.
- Criar leis específicas para as comunidades nos vários níveis, começando pelo município.
- Denunciar e evitar a destruição do meio ambiente pelos poderosos.
- Participar efetivamente na definição das leis e políticas públicas.
- Eleger homens e mulheres quilombolas para cargos de poder.



IMPRESSO



Comissão Pró-Índio
de São Paulo

Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP)
Rua Padre Carvalho, 175 Pinheiros 05427-100 São Paulo - SP • Tel./Fax 55 11 3814.7228 / 3518.8961
cpisp@cpisp.org.br • www.cpisp.org.br